

TREZE

MARÇO

Publicação nº 15 | 2021 | Gabinete de Apoio à Inovação, Transferência, Empreendedorismo e Cooperação da Universidade de Évora

ALENTEJO: TRANSFERÊNCIA E VALORIZAÇÃO DE CONHECIMENTO

António Ceia da Silva

A IMPORTÂNCIA DE ESTABELECEER “PONTES”

Rui Miguel Nabeiro

DA CRIAÇÃO DE CONHECIMENTO À INOVAÇÃO: AS UNIVERSIDADES COMO ESPAÇO COLABORATIVO

Joana Resende



TREZE



7449 acessos via portal

www.uevora.pt/innovar/gaitec/treze



42486 pessoas alcançadas

@uevora | @GAITEC



//EDITORIAL

ALENTEJO: TRANSFERÊNCIA E VALORIZAÇÃO DE CONHECIMENTO

O Portugal 2020 contemplou um conjunto de instrumentos orientados para o reforço das dinâmicas de Transferência e Valorização de Conhecimento os quais cobrem o ciclo de inovação, desde a produção de conhecimento até à sua apropriação e valorização económica, abrangendo apoios às instituições de ensino superior, centros de investigação, entidades de interface da inovação e empresas. A orientação geral vai no sentido de estimular a aproximação entre as entidades do Sistema de I&I e as empresas.

No Alentejo, podemos sinalizar tendências mais recentes relacionadas com os investimentos apoiados pelo Programa Operacional Regional, na infraestruturização de polos de I&DT em áreas de especialização regional (TIC, Tecnologias do Ambiente, do Solo e da Água, Biotecnologias e sistemas culturais mediterrânicos, e Património).

Entre os elementos de balanço, em termos de resultados, destacam-se as vertentes relacionadas com a qualificação do território em equipamentos e infraestruturas do Sistema Regional de Transferência de Tecnologia, visando contribuir para fortalecer a base infraestrutural do Sistema Regional de Inovação e ampliar a capacidade produtiva regional com novos bens, serviços, tecnologias e processos produtivos.

As insuficiências reveladas situam-se, justamente, na reduzida transferência de conhecimento para as empresas e na insuficiente dinâmica de apropriação dos resultados da investigação e sequentes processos inovadores. Apesar dos avanços registados, há ainda uma margem de progressão e consolidação das diversas expressões do Sistema Regional de Inovação, enriquecendo as oportunidades de renovação competitiva das cadeias de valor regional.

No sentido de reforçar a interligação entre o conhecimento, a sua transferência e apropriação, em complemento com a capacitação dos vários intervenientes e destinatários, a Estratégia Regional Alentejo 2030 atribui relevância à consolidação do Sistema Regional de Inovação e ao ajustamento dinâmico da oferta de competências para um novo paradigma produtivo,

centrada nas prioridades temáticas da futura Estratégia Regional de Especialização Inteligente 2030 e incentivando a produção de I&DT em domínios-chave dos recursos e ativos regionais (solo, água e biodiversidade).

O conhecimento e as tecnologias desenvolvidas em sequência são indispensáveis à robustez das apostas, nomeadamente, na vertente da bioeconomia sustentável, onde a Região dispõe de recursos de partida (na Universidade de Évora, nos Institutos Politécnicos e outros Centros de I&D) e de margem para reforçar a transferência de conhecimento para as aplicações económico-produtivas.

No domínio das qualificações, facilitadoras da apropriação do conhecimento, a transformação do paradigma produtivo em curso na Região, a Estratégia Alentejo 2030 e a Estratégia Regional de Especialização Inteligente nos seus domínios de especialização e transversais, estimulam a procura de novas qualificações e processos dinâmicos de reconversão de competências, mitigando riscos de marginalização de ativos ditada pela disseminação da inovação.

Nestes tempos incertos que estamos a atravessar, as apostas no conhecimento e nas competências, devem integrar a transição digital e a transição energética. Para aproveitar o potencial da digitalização, da economia e da sociedade em geral, será importante a aposta em novas aplicações tecnológicas beneficiando da melhoria das qualificações em competências digitais.

Na transição energética, o Alentejo deve continuar a tirar partido do conhecimento e dos projetos das Instituições de Ensino Superior, promovendo investigação nas diversas energias renováveis, dirigida à eficiência dos equipamentos e ao armazenamento da energia, mas também à gestão eficiente de recursos escassos como a água.

As questões relacionadas com a saúde ganharam agora mais importância, e assim se espera que venha a ser no futuro, pela necessidade de maior atenção aos problemas de saúde pública. Assim, será importante a aposta no reforço de competências regionais na especialização na investigação e na prestação de uma nova geração de cuidados de saúde, potenciando o investimento no Hospital Central do Alentejo e na Escola de Saúde e Desenvolvimento Humano da Universidade de Évora.

Para melhorar os atributos regionais e o desempenho do Alentejo nos domínios do conhecimento e inovação, partindo da valorização dos meios existentes (Instituições de Ensino Superior, PACT, Rede de Incubadoras, Centros Tecnológicos e de Competências), é importante continuar a apostar na ligação entre o desenvolvimento da investigação e a experimentação e transferência de conhecimento, através de projetos que proporcionem novas oportunidades de negócio e de descoberta empreendedora.

No âmbito do Alentejo 2020, assumiu especial destaque o apoio a projetos de transferência de conhecimento, com vista a conceder apoios financeiros a projetos de transferência do conhecimento científico e tecnológico que contribuam para a melhoria das condições envolventes às empresas, com particular relevo para as associadas a fatores imateriais de

competitividade de natureza coletiva, que se materializem na disponibilização de bens coletivos ou públicos capazes de induzir efeitos de arrastamento na economia.

Neste contexto foram aprovados 26 projetos, com uma despesa elegível de mais de 6M€ e um apoio correspondente de 5,2M€, dos quais, 15 têm como beneficiário líder a Universidade de Évora, com uma despesa elegível de cerca de 3,6M€ a que corresponde um apoio FEDER de 3M€.

António Ceia da Silva
Presidente da Comissão de Coordenação
e Desenvolvimento Regional do Alentejo(CCDRA)

//A IMPORTÂNCIA DE ESTABELEECER “PONTES”



Numa era de aceleradas e estruturais mudanças, saber interpretar os sinais do meio e reagir com vista à nossa rápida adaptação ao mesmo é frequentemente a resposta que procuramos, seja aplicada no meio empresarial, ao meio académico, ou às nossas vidas em geral. No contexto em que vivemos atualmente, essa estratégia assume uma importância maior ainda, na medida em que a procura de soluções inovadoras é uma constante e uma das chaves de sucesso passará, sem dúvida, por saber utilizar as sinergias do conhecimento desenvolvido no meio académico e da sua transferência para o meio empresarial.

Neste sentido, o Grupo Nabeiro-Delta Cafés tem procurado estabelecer algumas "pontes" com instituições académicas, nomeadamente através da **promoção de estágios de curta duração**, particularmente destinados a **alunos de Licenciatura de 1º ciclo**, que procuram ativamente experiências desta natureza, mas também **alunos de Mestrado**, na qual esta oportunidade poderá ser igualmente um primeiro contacto para outras colaborações futuras.

Estamos igualmente recetivos, e colaboramos com **alunos finalistas de Mestrado ou de**

Doutoramento no desenvolvimento das suas teses, disponibilizando informação da empresa ou divulgando o âmbito da sua investigação aos nossos trabalhadores de modo a solicitar a sua participação.

Formalizamos **protocolos de colaboração** com algumas instituições, participando em ações de reflexão estratégica, em seminários ou aulas abertas.

Colaboramos com instituições que disponibilizam os seus **estudantes de MBA** em trabalhos de **consultoria de negócio** para ajudar as empresas a resolver desafios de negócio, expandindo neste caso os horizontes de colaboração além-fronteiras.

Estes têm sido alguns dos caminhos encontrados para promover a transferência do conhecimento do meio académico e apoiar a comunidade estudantil numa fase de validação de conhecimentos. A aprendizagem experiencial proporcionada por estes meios catalisa e promove o ambiente ideal para fomentar a inovação, um dos nossos pilares estratégicos, e sobre o qual se pautam todos os intercâmbios académicos que desenvolvemos.

A nossa colaboração com a comunidade no caminho da inovação estende-se igualmente a outras iniciativas que demonstram o nosso propósito e a valorização dos contributos que recebemos. Para o efeito, destacamos um desafio que lançámos em 2019 ao ecossistema empreendedor. Através do nosso Centro de Inovação, a Diverge, lançámos o **DisRUption**, um programa de inovação aberta que pretendeu promover o empreendedorismo,

ajudando a desenvolver projetos de futuro e áreas estratégicas de negócio do grupo em ambiente real.

De forma estruturada, procuramos o desenvolver de sinergias com vista à transferência de conhecimento dentro da nossa organização assim como entre a mesma e as comunidades académicas e empresas emergentes com quem trabalhamos, as quais nos desafiam e ajudam a ampliar o nosso conhecimento, a crescer e a inovar, todos os dias.

*Rui Miguel Nabeiro,
CEO da Delta Cafés*



// DA CRIAÇÃO DE CONHECIMENTO À INOVAÇÃO: AS UNIVERSIDADES COMO ESPAÇO COLABORATIVO



As sociedades modernas enfrentam desafios sem precedentes, que se vêm intensificando em resultado do frenético ritmo de mudança tecnológica, económica, social, ambiental e cultural. A complexidade dos desafios da atualidade evidencia o importante papel que as Instituições de Ensino Superior (IES) podem (e devem!) ter na resposta aos mesmos, ao promoverem um ambiente privilegiado para a formação de capital humano e para a criação de conhecimento científico. Não é, pois, surpreendente que as políticas europeias em matéria de educação, investigação e inovação sinalizem a necessidade de uma profunda transformação das Universidades. Neste processo transformador, o conceito de Universidade "sem muros" tem assumido uma enorme centralidade, sublinhando o importante papel das IES na construção e dinamização de um ambiente colaborativo e aberto à sociedade civil e às empresas.

A área da inovação e da valorização económica do conhecimento é particularmente

elucidativa sobre a importância da crescente proximidade entre a academia, as empresas e a sociedade civil. Por um lado, a eficácia dos mecanismos de transferência dos resultados de I&D gerados nas Universidades depende em muito da sua capacidade para estabelecer pontes com as empresas e outras instituições potencialmente interessadas na utilização ou exploração das tecnologias e soluções inovadoras associadas a esses resultados. Por outro lado, a colaboração com *stakeholders* externos poderá revelar-se de grande importância para identificar novas linhas de investigação.

Ao longo dos últimos anos, a Universidade do Porto (U.Porto) tem desenvolvido uma estratégia concertada com o objetivo de valorizar a inovação, a construção de uma sociedade baseada no conhecimento e a implementação de estratégias de crescimento inteligente e sustentado na região e no país.

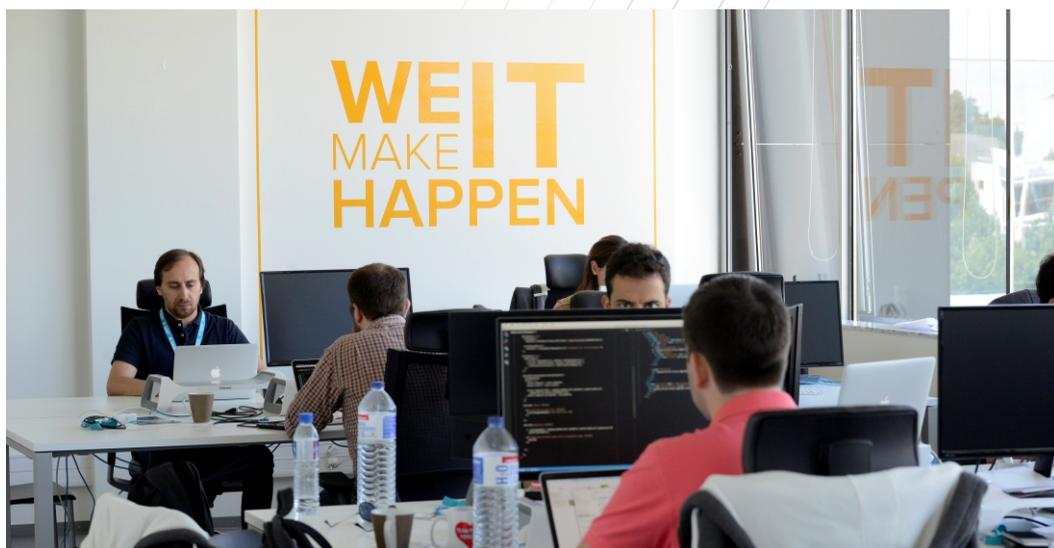
Desde o início do milénio, a U.Porto tem investido na construção de equipas dinâmicas e altamente qualificadas para apoiar a transferência do conhecimento e dinamizar a nossa comunidade empreendedora. A este nível, destacam-se estruturas como (i) a UPTEC (Parque de Ciência e Tecnologia da Universidade do Porto), criada em 2007 para facilitar a incubação de novas *start-ups* e promover uma crescente aproximação da Universidade a um ecossistema de empresas inovadoras com elevado potencial de colaboração com a U.Porto no contexto de modelos de inovação aberta; e (ii) a U.Porto Inovação, uma unidade formalmente criada em 2004 com o objetivo de apoiar toda a cadeia de valor da inovação, em matérias como a proteção de propriedade

intelectual, a comercialização de tecnologias e soluções inovadoras, a ignição de novos negócios, a dinamização de parcerias e colaborações com empresas ou a dinamização de redes e projetos (nacionais e internacionais) com elevado potencial inovador. Em complemento a estas estruturas centrais, destacam-se ainda no universo U.Porto diversas estruturas locais associadas às Faculdades e Unidades de Investigação, que garantem um apoio de proximidade ajustado às especificidades de cada área científica.

Este rico ecossistema tem permitido criar um ambiente colaborativo privilegiado para valorizar os resultados de I&D "made in" U.Porto. Atualmente, a Universidade conta já com um conjunto alargado de projetos de I&D desenvolvidos em colaboração com empresas (os projetos com o envolvimento de empresas representaram já 17% do total de financiamento angariado, tendo sido executados cerca de 160 projetos em consórcio com empresas).

Adicionalmente, a U.Porto continua a alargar o seu portfólio de patentes (no final de 2020, a U.Porto registou um portfólio de 382 patentes ativas, detendo 199 patentes concedidas, das quais 142 correspondem a patentes internacionais) e já conta com uma pool de 100 *spin-offs* U.Porto (algumas das quais a desenvolverem negócios altamente promissores e a atraírem voluptuosos investimentos internacionais). É também significativo o impacto da UPTEC, que desde 2007 já apoiou 630 projetos de empreendedorismo, acolhendo nas suas instalações no início de 2021, 137 *start-ups*, 23 empresas âncoras e 43 centros de inovação, que no seu conjunto representam cerca de 1.800 postos de trabalho, a maioria dos quais altamente qualificados.

Estes números são ilustrativos do ecossistema de inovação e empreendedorismo vibrante que a U.Porto e outras instituições de ensino superior têm vindo a construir ao longo de quase duas décadas. Os esforços e investi-



mentos já realizados, por vezes em contextos financeiros adversos, começam a dar frutos e é hoje inegável o contributo que as IES e as suas estruturas de apoio à inovação e empreendedorismo têm dado para o avanço do sistema científico e tecnológico nacional. A recente inclusão de Portugal no grupo dos países fortemente inovadores no European Innovation Scoreboard reconhece os avanços do sistema de inovação português, evidenciando o importante papel das IES e das suas estruturas neste caminho e no bom desempenho nacional em áreas como a atratividade e internacionalização dos sistemas de investigação.

Não obstante os bons resultados alcançados nos últimos anos, quer em termos macro, quer em termos da U.Porto, existe ainda um longo caminho a percorrer e Portugal continua a registar um desempenho abaixo da média Europeia em diversas dimensões consideradas no European Innovation Scoreboard (e.g. qualificação dos recursos humanos, absorção de doutorados pelo tecido produtivo, aprendizagem ao longo da vida, acesso ao financiamento, investimento em I&D pelo setor empresarial).

O potencial contributo das IES para melhorar o desempenho de Portugal em qualquer uma destas dimensões é indiscutível e, em algumas delas, é mesmo insubstituível. Chegamos assim a um momento decisivo em que se torna crucial promover um forte envolvimento das IES na definição e implementação das estratégias de crescimento inteligente e sustentável para esta nova década, na implementação dos planos nacionais e europeus para a transição digital, a transição verde ou, mais recentemente, para a concretização dos objetivos do Plano de Recuperação e Resiliência e das suas agendas e alianças mobilizadoras, em resposta à atual crise sanitária, económica e social decorrente da pandemia.

É certo que os desafios que temos pela frente são muitos e profundamente complexos. A capacidade de os superar residirá em grande medida da nossa capacidade de continuar a fazer avançar a fronteira do conhecimento e, simultaneamente, da capacidade para estabelecer pontes entre a academia, a indústria e a sociedade civil.

*Joana Resende,
Pró-Reitora para o Planeamento,
Empreendedorismo e Transferência
de Conhecimento da Universidade do Porto*



//SEM CONHECIMENTO CIENTÍFICO NÃO HÁ EMPRESAS DE FUTURO



Nada me parece tão adequado para o tema como lembrar Drucker, quando defende que quem está a fazer negócios hoje, como fazia ontem, arriscará a não fazer negócios amanhã.

Há uma mudança que se está a operar na forma como o mundo empresarial se interliga com os centros de saber e que é o garante de que estamos a inovar e, por isso, um passo à frente da concorrência.

Quando cruzei pela primeira vez os portões do Colégio do Espírito Santo como estudante da Universidade de Évora, estava longe de imaginar que dela sairia capacitado para ser empresário, sobretudo porque acabava de iniciar o meu percurso de estudante em História. E muito menos que um dia haveria de ter responsabilidades numa entidade historicamente relevante para o desenvolvimento do território como é uma Agência de Desenvolvimento Regional.

É verdade que já tinha tido uma experiência no

campo empresarial, tendo tentado e falhado, mas atribuí a falta de sucesso à imaturidade de quem acabou de entrar na casa dos 20.

Até pode ter sido um pouco, mas não foi só.

Como eu então, muitos empreendedores julgam ainda hoje que bastará uma boa ideia, vontade e intuição para lançar um negócio e conseguir vencer como empresário.

O que muitos acabam por descobrir, com grande custo pessoal, é que é preciso muito mais do que isso.

O mercado tem hoje uma escala mundial e, a não ser que se queira investir num pequeno negócio de bairro, a oportunidade tem o tamanho do mundo.

Contudo e sem o saber dos centros científicos e tecnológicos, nenhuma empresa estará capaz de competir globalmente.

A necessidade aumenta quando se vive numa região de baixa densidade, em dimensões como em estrutura populacional, mas também na organização e dinâmica do seu tecido empresarial, que apresenta já uma capacidade produtiva expressiva baseada na diversificação, com destaque para as atividades agroindustriais, exploração de recursos geológicos e minerais, portos e logística, aeronáutica, turismo, e tecnologia e que tem à sua disposição infraestruturas de ensino e de apoio técnico-científico de excelência.

Há medida que aumenta a intensidade das relações entre instituições de ensino e as empresas, como por exemplo na oferta de cursos de formação que servem as necessidades imediatas de recursos humanos com

qualificações específicas, criam-se oportunidades para fixar tanto as pessoas, que têm emprego, como as empresas, que precisam de bons quadros.

Por outro lado, a Região conta também com um conjunto alargado de infraestruturas científicas e tecnológicas de apoio às empresas, tais como centros de investigação e laboratórios especializados, o que cria um ambiente propício à inovação competitiva do tecido empresarial do Alentejo, através da promoção de atividades científicas e tecnológicas, transferência tecnológica e assistência técnica.

Graças a este ecossistema de inovação e transferência de tecnologia, a comunidade empresarial da região do Alentejo tem vindo a consolidar competências e a definir atividades económicas inovadoras ao longo da última década.

A capacidade de inovação das empresas do Alentejo revela-se fundamental para o aumento da competitividade da economia da região. Os fatores de apoio não dependem exclusivamente da integração das TIC, mas também se referem às atividades de diferenciação e inovação genuína nas empresas.

O desenvolvimento de competências em TIC enquanto instrumentos que podem fornecer soluções práticas e eficazes para a gestão do dia-a-dia das empresas locais, a cultura de "praticar a inovação", o pensamento pró-ativo sobre a diferenciação e o estímulo ao mercado são identificados como competências-chave para o crescimento efetivo da competitividade das empresas do Alentejo. Só isso justifica estarmos hoje, em vários domínios, a dar cartas nos mercados internacionais.

E não, não se trata de oportunidade apenas para as grandes empresas, mas sobretudo PME's onde não existem recursos disponíveis para a investigação e para o desenvolvimento do produto, e que encontram o que precisam nestas infraestruturas científicas e tecnológicas.

Temos o que é preciso. É preciso aproveitar.

*Francisco da Costa,
Diretor Geral da Agência de
Desenvolvimento Regional
do Alentejo (ADRAL)*

// OS HÁBITOS FAZEM AS INSTITUIÇÕES INOVADORAS



Quando em 2009 regressei à Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, após uma licença sabática no Massachusetts Institute of Technology (MIT), uma dúvida não me saía da mente: se em certos nichos específicos a nossa ciência e tecnologia era igual ou melhor do que a que vi nos Estados Unidos, por que razão é que o ecossistema americano era tão melhor a transformar esse conhecimento em produtos, empresas e novos empregos altamente qualificados e bem pagos? Doze anos e duas *startups* depois, Veniam e Streambolico, a minha convicção é que a diferença fundamental estava e está numa série de hábitos que cientistas, engenheiros e professores universitários na América foram adquirindo ao longo de décadas.

O primeiro hábito que notei é que a produção de conhecimento lá é pautada por doses iguais e muito grandes de curiosidade, profundidade e relevância. Isto não quer dizer que a utilidade comercial do conhecimento e trabalho científico seja evidente desde o início. Há, no entanto, um propósito muito claro e uma vontade enorme de que esse conheci-

mento venha de alguma forma ajudar a melhorar a vida das pessoas, nem que seja porque passamos a saber mais do que aquilo que sabíamos antes. A profundidade da investigação é essencial, porque a experiência mostra que nada de grande valor se conquista sem desafio intelectual e muito trabalho de detalhe. Na génese da Veniam, a empresa de software de rede inteligente que criamos em 2012, estava uma questão científica fundamental: que limites teóricos e algoritmos existem para objetos em movimento poderem criar redes entre si e trocar grandes quantidades de informação.

O segundo hábito que observei é que os meus colegas americanos protegiam a propriedade intelectual muito cedo, submetendo um formulário ao departamento de inovação sempre que tinham alguma invenção, mesmo quando era só vagamente promissora. Com grande satisfação, conclui que a Universidade do Porto já tinha um processo muito simples para declaração inicial (antes de submeter o nosso artigo científico) e passei a fazer o mesmo.

O terceiro hábito é abrir as portas dos laboratórios a um fluxo contínuo de pessoas muito variadas: portuguesas e estrangeiras, investigadoras e não-investigadoras, do sector público e do sector privado - quanto mais diverso e estimulante, melhor. O choque saudável de pessoas de meios muito diferentes, com perspectivas ao mesmo tempo antagónicas e complementares, aumenta e muito a probabilidade de surgirem tanto as relações de amizade entre investigadores e empresários como os desafios técnicos e as oportunidades de negócio que são essenciais para

transformar o conhecimento de base científica em produtos replicáveis, escaláveis e com grande impacto na sociedade. No caso da Veniam, a minha colega Susana Sargento da Universidade de Aveiro e do Instituto de Telecomunicações e eu juntamo-nos aos empreendedores americanos Robin Chase e Roy Russell. Ambos tinham criado a maior empresa de car sharing do mundo, Zipcar, e partilhavam da nossa curiosidade em ver até que ponto as nossas tecnologias de rede poderiam expandir o acesso à Internet e acelerar a adoção de sistemas de mobilidade muito mais sustentáveis para o nosso mundo. Depois de criada a empresa, o processo de descoberta continua sempre, até porque o mundo nunca pára. O melhor hábito a manter é, por isso, a mente aberta.

*João Barros,
Professor Catedrático da FEUP,
CEO e fundador da Veniam*



//O CAMINHO PARA A CRIAÇÃO DE VALOR ECONÓMICO E SOCIAL A PARTIR DO CONHECIMENTO NA UNIVERSIDADE



Recentemente, a ciência tem assumido um protagonismo dificilmente antecipado, quer pela chamada de cientistas a emitirem pareceres sobre a evolução da pandemia quer pelo rápido desenvolvimento de múltiplas vacinas. O caso das vacinas da BioNTech/Pfizer e da Moderna é paradigmático no que se refere ao contributo da investigação universitária, quer fundamental, quer aplicada, para a sociedade. Estamos, pois, numa altura propícia à reflexão sobre a definição e o impacto de políticas e medidas que promovam a investigação com potencial impacto na economia e na sociedade.

Não ignorando o papel que o estado e a União Europeia têm na definição das referidas políticas, importa que as Universidades assumam o seu papel e promovam a chamada terceira missão, no âmbito da sua autonomia.

A existência de políticas que garantam a justa remuneração dos investigadores e docentes

quando inventores em patentes, *software* ou outros objetos de direito de Propriedade Intelectual tem um papel importante na motivação dos investigadores a protegerem as suas invenções e promoverem a sua comercialização.

Na ausência de orientações internacionais ou até europeias claras, cabe a cada Universidade definir qual a justa remuneração de cada interveniente, sendo que, pelo Código da Propriedade Industrial em vigor e à semelhança do que é aplicável ao setor privado, a titularidade das invenções da autoria de funcionários e investigadores das Universidades é da própria Universidade, salvo (raras) exceções. No caso particular dos estudantes o entendimento comum é que, em dissertações que utilizem recursos da Universidade o mesmo princípio é aplicável. Parecendo uma regra muitas vezes injusta aos olhos dos investigadores, é importante referir que, para além da universalidade já mencionada da mesma, se trata normalmente de uma situação vantajosa para o inventor, que tem a oportunidade de ver o seu trabalho protegido com apoio de profissionais e apoio à sua comercialização, com remunerações que, em Portugal, oscilam entre os 40% e os 75% de todos os ganhos líquidos que a Universidade venha a auferir.

Mas nem só de patentes vive a terceira missão da Universidade. Olhando para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, é fácil concluir que o impacto da investigação na sociedade deverá ir muito além da valorização económica de novas invenções, facto que coloca novos desafios à

definição de novas métricas de impacto que possam ser usadas quer na progressão nas carreiras, quer na remuneração dos inventores.

Para além dos incentivos, é essencial a criação de estruturas de apoio à terceira missão, que garantam a definição de procedimentos internos claros de comunicação de invenções, processos de proteção de propriedade intelectual, *scouting* de oportunidades de colaboração, e de formalização de colaborações com empresas e outras entidades externas, a formação de docentes, investigadores e estudantes nas temáticas da transferência do conhecimento, e o apoio à criação de *spin-offs* e ao empreendedorismo, incluindo a inovação social.

Na Universidade NOVA de Lisboa, temos nos últimos anos promovido o apoio estruturado à transferência de conhecimento e ao empreendedorismo, através da criação do Gabinete NOVA Impact, que a partir da Reitoria trabalha em rede com mais dois gabinetes, um

na Faculdade de Ciências e Tecnologia (IRIS) e um outro no Instituto de Tecnologia Química e Biológica. O NOVA Impact ajuda a dar vida às ideias dos inovadores e empreendedores da NOVA ao:

- desenvolver programas multidisciplinares de formação em empreendedorismo, tais como o programa Starters Academy dirigido a estudantes de Mestrado e o SciencePreneur, pensado para investigadores, docentes e estudantes de doutoramento, oferecido em conjunto com a Escola Doutoral;
- promover a criação de novas empresas *spin-off*
- apoiar a incubação e aceleração de *startups* de alto impacto
- impulsionar a proteção e valorização da Propriedade Intelectual da NOVA
- apresentar as iniciativas e resultados de inovação tecnológica e serviços especializados em plataformas internacionais, e
- facilitar o acesso ao financiamento de Capital de Risco em estágio inicial.

A NOVA detém mais de 200 patentes ativas



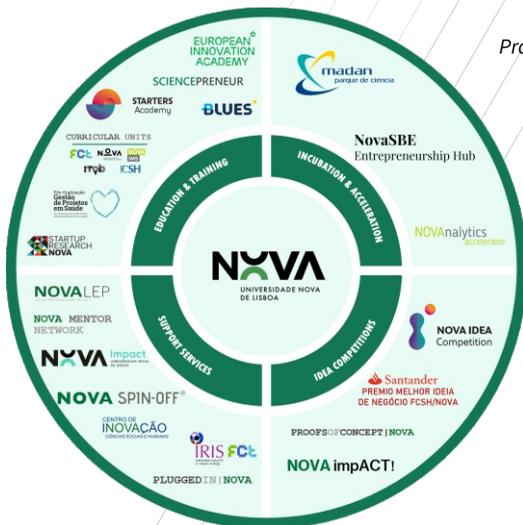
(70% protegidas internacionalmente) em vários campos do conhecimento - desde biotecnologia, saúde e ciências da vida até engenharia, materiais e TIC. No que ao apoio ao empreendedorismo diz respeito, nos últimos 5 anos, cerca de 10.000 alunos da NOVA estiveram envolvidos em atividades de formação para o empreendedorismo e concursos de ideias, promovidos tanto pelas escolas da NOVA como pela Reitoria.

Como parte de sua recente política de estímulo à criação de mais empresas *spin-off*, a NOVA decidiu conceder alguns benefícios às *spin-offs* formalmente reconhecidas, tais como: licenciamento exclusivo e isento de royalties dos direitos de PI até a fase de comercialização; alocação de tempo devidamente autorizada para professores ou investigadores que também sejam promotores de *spin-offs* da NOVA para apoio ao desenvolvimento comercial do projeto; ou acesso facilitado ao espaço ou equipamento avançado disponível na Universidade. Uma Rede de Mentores composta por cerca de 30 especialistas de diferentes áreas do conhecimento, incluindo empreendedores, consultores e capitalistas de risco, foi lançada em 2019 para ajudar a comunidade NOVA a desenvolver suas ideias de negócios.

Como resultado deste esforço de promoção de uma cultura empreendedora na sua comunidade académica, a NOVA conta atualmente com mais de 85 *startups* ativas criadas nos últimos 15 anos, por estudantes, investigadores ou ex-alunos, que juntos arrecadaram mais de 500 milhões de euros. Dessas, 39 startups foram criadas desde 2015 e 18 são formalmente reconhecidas como NOVA *Spin-offs*® por meio de um processo iniciado apenas em 2018 para formalizar o relacionamento dessas empresas com a Universidade.

Muito há ainda a fazer, desde logo nas áreas relacionadas com a inovação com impacto social e na comercialização das tecnologias criadas, mas creio que com as estruturas e conhecimentos criados, o caminho está mais claro, ainda que o progresso seja complexo e com múltiplos desafios.

Isabel Rocha,
Pró-Reitora para as áreas de Empreendedorismo
e Criação de Valor Social e Económico
da Universidade Nova de Lisboa



//SEM CONHECIMENTO NÃO HÁ EVOLUÇÃO!



É algo que todos aceitamos como verdade. Contudo quando falamos de conhecimento temos que ter em consideração diferentes tipos de conhecimento. Destaco aqui o saber-fazer, que passa de geração para geração e o conhecimento científico, aquele que resulta da academia e que pode marcar pela diferença no lançamento da nossa economia regional e nacional.

A região Alentejo é caracterizada por ter um setor empresarial vivamente marcado por micro e pequenas empresas, o que não é compatível com a existência nas mesmas de departamentos dedicados à inovação dos produtos e serviços. Porém o facto de serem de pequena dimensão também lhes dá a capacidade de rapidamente reajustarem a sua estratégia e mudarem o seu setor produtivo. São por isso muito recetivas à inovação. Veja-se o sucedido com a atual situação pandémica em que muitas empresas tiveram que se reinventar para sobreviver, muitas mudaram o setor de atividade e outras alteraram completamente a sua estratégia.

É aqui que eu considero que é crucial a academia acompanhar esta mudança.

Em regiões como o Alentejo a existência de

Centros de Investigação de excelência como existem na Universidade de Évora, marcam pela diferença. Recentemente no âmbito de um projeto da Associação Empresarial - NERE, tivemos a oportunidade de visitar muitos destes Centros de Investigação e falar com os investigadores responsáveis. Ficámos encantadas com o que visitámos e com o que aprendemos só num dia.

É realmente notório o conhecimento existente!

Porém como chega às empresas? Como pode o empresário colocar desafios ao meio académico?

Se não se conhece não existe para o tecido empresarial. Também para nós técnicos que trabalhamos diariamente com as empresas é fundamental conseguir fazer essa ponte de Transferência. Mas isto não se consegue apenas com uma lista do que está a ser investigado e do *know-how* já existente. Gabinetes como GAITEC são estruturas facilitadoras dessa ponte para a Transferência do conhecimento. Há que apostar em rotinas de trabalho conjuntas entre empresas e investigadores, onde estruturas como o GAITEC, o PACT e as Associações Empresariais assumem um papel fundamental na dinamização destes encontros.

O caminho é ainda longo na proximidade do meio empresarial ao meio académico, mas necessário e crucial para o desenvolvimento da região.

Os empresários estão disponíveis, da parte dos investigadores sinto que há uma maior abertura.

Então o que falta?

Hábitos de trabalho em conjunto e definir metas e objetivos! Criar rotinas onde os empresários através das suas estruturas empresariais possam expressar os seus anseios e a Academia através das suas estruturas de Transferência de conhecimento possam identificar *match* para cada situação. Havendo o mais difícil que é o conhecimento e as necessidades, então só falta **mesmo é a vontade!!**

Termino com uma citação de Bill Gates em que afirma que **"A chave de sucesso nos negócios é perceber para onde o mundo se dirige e chegar lá primeiro!"** Isto só se consegue com uma simbiose entre o Conhecimento científico e o *Know how* das empresas. Só assim iremos responder aos desafios da Região Alentejo!

*Paula Paulino,
Diretora Executiva do Núcleo
Empresarial da Região de Évora (NERE)*



INCUBADORA DE BASE TECNOLÓGICA

Incubação Física | Incubação Virtual | Serviços de Incubação

//A ESSÊNCIA DA VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E TECNOLOGIAS



A Associação Universidade-Empresa para o Desenvolvimento - TecMinho foi constituída em 24 de julho de 1990, no seio da Universidade do Minho, apresentando-se como a sua primeira Interface. No contexto atual do papel deste tipo de organizações, as "instituições de interface" são caracterizadas por promoverem e facilitarem a valorização e transferência de conhecimento científico, por elas produzido ou produzido nos centros de saber, situados mais a montante no ciclo de inovação, para o mundo empresarial, gerando valor e impacto económico e social.

Enquanto Gabinete de Transferência de Tecnologia (TTO) da Universidade do Minho, a TecMinho tem como missão a valorização e a transferência de conhecimento para o tecido empresarial e demais atores económicos e sociais, contribuindo para a inovação, o empreendedorismo e o desenvolvimento das competências das organizações e das pessoas. O trabalho desenvolvido pela TecMinho, ao longo dos seus 30 anos de existência, fortaleceu as ligações da Universidade ao tecido empresarial nas vertentes da tecnologia e da inovação, permitindo a valorização

do conhecimento produzido na academia, o aumento da competitividade das empresas e o reforço das competências dos recursos humanos da região.

Os desafios que vão sendo encontrados diariamente, devem corresponder a uma estruturação de dinâmicas coerentes e sistemáticas, que se constituem como um facilitador daquilo que é o trabalho de um TTO, a saber:

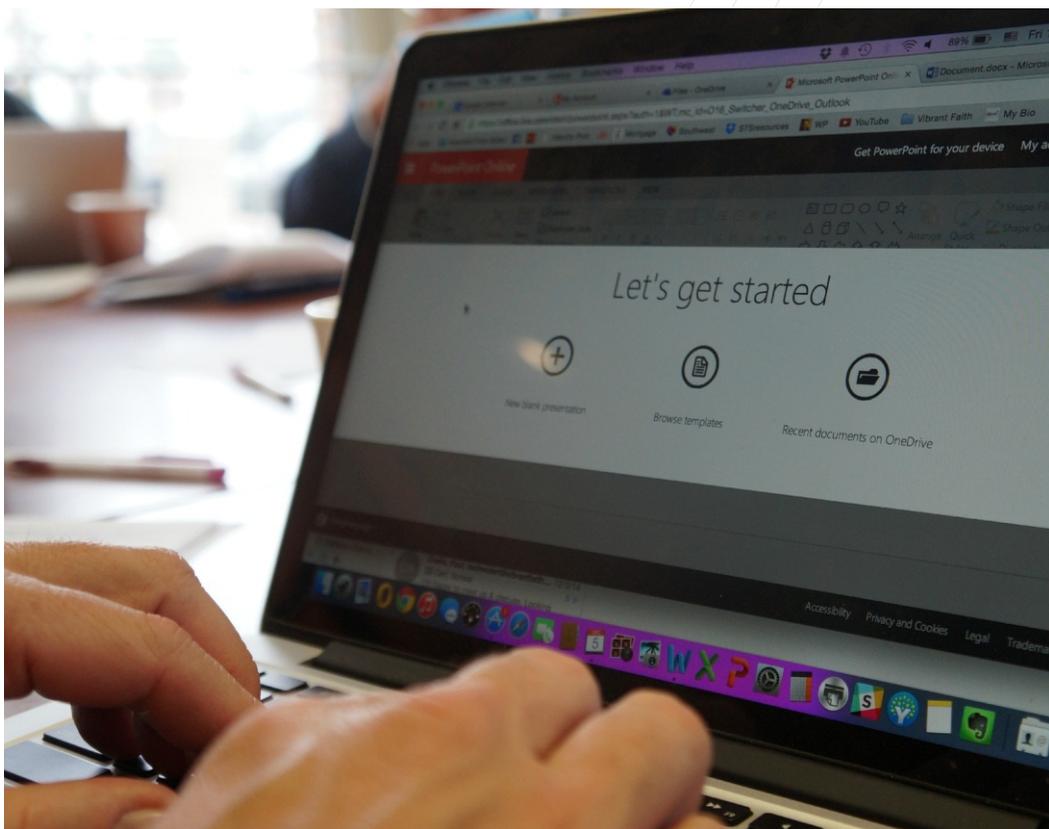
- *Scouting*: para identificação de tecnologias e/ou conhecimento resultados de atividades de I&D; o contacto com os investigadores e a vigilância tecnológica;
- *Screening*: onde é realizada uma avaliação inicial da tecnologia/conhecimento identificado;
- *Avaliação profunda*: que visa a realização de pesquisas de mercado e contacto com potenciais empresas alvo;
- *Negociação*: onde existe a definição e execução de ações de *business development* e o estabelecimento de parcerias estratégicas, através da negociação de acordos de colaboração;
- *Licenciamento*: através do estabelecimento e gestão de acordo de transferência de tecnologia e resultados.

A identificação de necessidades e oportunidades de inovação junto de empresas e o seu seguimento, a proteção e gestão da Propriedade Industrial gerada na Universidade do Minho, o estabelecimento de parcerias e negociação de licenças de transferência de conhecimento com empresas já existentes e o apoio à criação e consolidação de projetos empre-

sariais inovadores são as atividades mar-cantes a que a nós se deve o dever de as realizar.

Necessitamos de continuar a potenciar a rede de colaboração no ecossistema de inovação e empreendedorismo da região, do país e internacionalmente, criando uma visão inovadora para o futuro e que se projete na estruturação de ferramentas e dinâmicas, com um foco dinamizador na ligação da envolvente interna com a externa. Este deve ser o nosso foco!

*Filipe Soutinho,
Diretor Geral na Tecminho: Associação
Universidade-Empresa para o Desenvolvimento*



// ECOSISTEMA DE TRANSFERÊNCIA E EMPREENDEDORISMO NA UNIVERSIDADE DO ALGARVE



empresas assentes em conhecimento e inovação, a gestão de espaços de incubação e aceleração e, a participação em entidades de referência.

Neste contexto, e dando corpo ao Plano Estratégico definido pela Reitoria, o CRIA dinamiza e implementa o **Ecosistema de Transferência e Empreendedorismo da UAlg**, alicerçando a sua atuação em três grandes eixos: (i) Proteção do conhecimento, (ii) iniciativas integradas de empreendedorismo e transferência e (iii) marca agregadora e espaços.

A Universidade do Algarve (UAlg) é uma instituição de inequívoca relevância na região do Algarve, tendo sido um dos principais motores do desenvolvimento da região nos últimos 40 anos. Ao papel de geração de conhecimento e de formação de capital humano, que tem transformado profundamente o setor económico da região, acresce uma terceira dimensão de intervenção direta no território, promovendo a intermediação do conhecimento gerado com as reais necessidades dos agentes económicos.

Para levar a cabo esta dimensão, a UAlg formalizou em 2010 a Divisão de Empreendedorismo e Transferência de Tecnologia (CRIA), que tem por objetivos, o promover relações entre as unidades de investigação e/ou os investigadores com as empresas, o dinamizar de consórcios responsáveis por projetos de investigação aplicada, a promoção dos direitos de propriedade industrial, incluindo impulsionar o registo de patentes, o fomento do empreendedorismo, o apoiar a constituição de novas empresas, o apoio no avançar para mercados internacionais de

No âmbito do primeiro eixo, (i) foi implementado o **Gabinete de Apoio à Promoção da Propriedade Industrial (GAPI)**, vocacionado para prestar esclarecimentos e dinamizar ações sobre propriedade intelectual, focando o reforço da competitividade das empresas, a proteção da diferença e a adoção de inovações. A sua ação integra-se na rede nacional dos GAPI, criada em torno do Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI).

No segundo eixo (ii), para dinamizar ambiente de cooperação, empreendedorismo e transferência foram desenvolvidas um conjunto de iniciativas integradas que se tornaram marcas registadas e reconhecidas, com impacto regional, nacional, algumas das quais reconhecidas internacionalmente como boas práticas, nomeadamente: (a) **Ideias em Caixa**, iniciativa conjunta com várias instituições regionais, que visa promover a iniciativa empresarial e o empreendedorismo qualificado e inovador na região do Algarve, em especial nos setores da RIS3. (b) **StartUP@CRIA**, programa de aceleração de ideias de negócio e apoio ao

empreendedorismo no seio da UAlg, permitindo aos membros da comunidade académica a validação e aceleração de uma ideia de negócio assente em conhecimento e inovação para o mercado. (c) **Tech2Market**, visa capitalizar os esforços realizados pelos docentes e investigadores no desenvolvimento de atividades de investigação. Pretende incentivar a inovação e a transferência de conhecimento, aumentar o volume de registo de invenções, e responder adequadamente ao ciclo de comercialização de conhecimento. Estas iniciativas estão articuladas com outras externas, tais como a "Rede Ibérica de Inovação Aberta" (RIIA).

Assumidamente iniciativas consolidadas, decorrem de forma coordenada, numa periodicidade bianual. Adicionalmente, realçar a iniciativa (d) **Lunch&Learn**, que promove encontros e dinâmicas de colaboração e de troca de experiências entre as empresas sediadas na UAlg, numa ótica de promoção do *networking* empresarial e de disseminação do con-

hecimento, enquanto se almoça. Esta iniciativa tem uma periodicidade bimensal.

A consolidação deste ecossistema assume como fundamental a existência de um terceiro eixo (iii) marca agregadora e espaços. Relativamente à marca (a), em conjunto com o Gabinete de Comunicação e Protocolo, foi concebida e registada a marca UAlg TEC, como marca agregadora de todas as iniciativas, que representam o ecossistema/universo tecnológico da UAlg. Sobre esta marca desaguam outras marcas que distinguem os diferentes espaços verticalizados em áreas do conhecimento.

Em termos de espaços (b), a UAlg desenvolve um enorme esforço para concentrar espaços de transferência, incubação e aceleração dentro do seu *campi*, potenciando a interação de uma maior proximidade entre empresa-investigador-estudante. Neste momento, estão disponíveis no *campi*: **UAlg TEC Start**, espaço de incubação instalado no *Campus* de



Gambelas, concebido há aproximadamente 10 anos, que ocupa 750m². Neste contexto, importa realçar as permanentes ações de requalificação e dinamização dos espaços, e a criação de dinâmicas de aceleração de empresas (Pólo Tecnológico do Algarve).

Estas dinâmicas visam dinamizar iniciativas e agrupar competências destinadas ao desenvolvimento tecnológico e à inovação em dois setores estratégicos, nomeadamente a criação e adaptação de dois espaços dentro dos *campi* da UAlg, o **UAlg TEC Health** (Centro de Simulação Clínica - CSC), espaço de aproximadamente 800 m² situado no *Campus* de Gambelas, que tem como objetivo o reforço da capacidade de investigação aplicada e transferência de conhecimento na área da saúde, espaço concluído no final do mês de fevereiro de 2021, e o **UAlg TEC Campus**, adaptação de um edifício de aproximadamente 4.500 m² situado no *Campus* da Penha, conducente à aceleração de empresas na área das Tecnologias de Informação Comunicação e Eletrónica (TICE), potenciando a ligação Universidade-Empresa e a internacionalização de empresas e produtos nestas, com conclusão prevista de setembro de 2021.

Em linha com esta estratégia, estão previstos a curto e a medio prazo a adaptação e criação de outros espaços verticalizados em outras áreas do conhecimento.

Este ecossistema, iniciado em 2010, aponta fortemente para a valorização do conhecimento produzido, procurando sempre que possível, a convergência entre a investigação desenvolvida e a sua transferência para o tecido empresarial. Esta estratégia apresenta já resultados visíveis em todas as vertentes, nomeadamente na criação de empresas de base tecnológica, no aumento significativos de patentes, projetos em co-promoção com empresas, e inclusivamente numa maior ligação/proximidade dos estudantes a iniciativas / trabalhos / projetos que decorrem em parceria com as empresas. Adicionalmente, a estratégia supra assenta em parcerias estratégicas regionais com *stakeholders* públicos e privados, consolidadas na marca Algarve Tech Hub. É sem dúvida um ecossistema que deve ser mantido, acarinhado e cada vez mais aprofundado.

João Rodrigues,
Pró-Reitor para a Transferência
e Tecnologia da Universidade do Algarve

//EMPREENDEDORISMO QUALIFICADO



Quando, há 25 anos, um grupo de estudantes e professores da Universidade de Évora procurou incorporar a então pouco conhecida palavra "empreendedorismo", na academia e nas suas vidas, foi dado o mote para que a Universidade e a sua comunidade passassem a incluir este conceito nas suas estratégias de atuação. Resultou então, a criação de uma estrutura de associativismo regional através do "nascimento" em 1995 do Núcleo do Alentejo da ANJE - Associação Nacional de Jovens Empresários, e o início da integração das temáticas relacionadas com o empreendedorismo nos conteúdos de algumas disciplinas ministradas na Universidade.

Nos anos seguintes, inúmeras instituições públicas e privadas da região, passaram a integrar este ecossistema empreendedor, baseado no conhecimento e na inovação, e fortalecido posteriormente com a criação do Sistema Regional de Transferência de Tecnologia.

Enquanto parte deste ecossistema, a ANJE tem baseado a sua atuação no empreendedorismo qualificado, estimulando os alunos e *alumni* da Universidade de Évora a converterem o seu conhecimento em valor empresaria-

l, facilitando-lhes acompanhamento especializado em processos de formação, gestão, inovação e financiamento. Os prémios e concursos de ideias, as feiras do empreendedor, a formação, e a incubação de *startups*, são alguns exemplos de ferramentas utilizadas para fazer o "match" entre o conhecimento gerado pela Universidade e as jovens empresas criadas na região.

Com a exponencial globalização económica, também a região passou a ser alvo do crescente interesse por parte de investidores externos, incentivados pelos instrumentos de financiamento regionais e pela disponibilidade de recursos humanos qualificados resultantes dos vários níveis de graduação da Universidade. Estes investimentos baseiam-se cada vez mais em tecnologia de ponta, como podemos verificar na moderna agricultura, indústria e serviços a surgir na região, e estão a lançar desafios contínuos aos centros de investigação da academia e aos seus jovens investigadores, cujas capacidades empreendedoras, se estimuladas, poderão também contribuir para novas "*spin-offs*" e parcerias, geradoras de externalidades positivas para o ecossistema empresarial regional.

Carlos Catarino,
Diretor Executivo / Alentejo da Associação
Nacional dos Jovens empresários (ANJE)



//PRÉ-INCUBAÇÃO NA UNIVERSIDADE



foto| Duarte Pinheiro_ULisboa

Nos dias de hoje, as Universidades conformam a sua missão com base no designado triângulo do conhecimento cujos pilares correspondem às funções de formação, de investigação e de translação.

As instituições de ensino superior procuram desempenhar as suas funções num quadro de articulação interna e em interacção com outros actores da sociedade. No plano interno, assiste-se à vontade expressa de reforço da interligação entre áreas científicas, entre investigação e ensino, entre criação de conhecimento e geração de valor económico e social. No plano externo, regista-se o empenho crescente na ligação a pessoas e organizações activas na sociedade não apenas como receptores mas também como inspiradores de novos avanços do conhecimento.

Pode-se afirmar que a grande maioria das IES no espaço europeu segue as linhas de orien-

tação acima referidas. Contudo, é notória a discrepância entre a qualidade e a quantidade da investigação científica realizada na Europa e o volume de resultados económicos e sociais daí decorrentes.

Portugal não constitui excepção na dificuldade em ultrapassar o designado "vale da morte" existente entre as bancadas onde nascem e são desenvolvidas ideias e os agentes motores do crescimento económico e da prosperidade social.

Nas últimas duas décadas, verificou-se um esforço significativo no sentido de colmatar esta falha, merecendo destaque o incremento na criação de novas empresas. No entanto, a verdade é que boa parte do "stock" de conhecimento gerado nas IES portuguesas não tem ainda uma tradução directa na actividade económica ou em sectores importantes da sociedade (saúde, energia, transportes, agricultura, finanças, ...) ou também na administração pública.

As várias histórias de sucesso na translação de conhecimento em Portugal, realçam o elevado potencial de valor do conhecimento acumulado que não chega a "ver a luz do dia" ou demora excessivamente a configurar-se num novo produto, num novo serviço ou, mesmo, num novo processo.

Este problema é comum em muitos espaços europeus onde tem merecido a atenção dos decisores, locais e regionais, suscitando iniciativas de vários tipos das quais importa destacar a pré-incubação de ideias de negócio com base científica e tecnológica. Trata-se de im-

plementar uma estrutura funcional que permita ter em consideração, a par do processo de investigação científica, matérias como análise de mercado, viabilidade económica, prontidão tecnológica, modelo de negócio e propriedade intelectual.

A realidade tem demonstrado que, em geral, estes aspectos são considerados de forma tardia no processo de inovação quando muitas decisões já foram tomadas pelos investigadores. Em muitos casos, a análise do mercado obriga à reformulação de objectivos de I&D definidos inicialmente e, em consequência, força retrocessos na investigação realizada. O mesmo se pode dizer relativamente às provas de conceito (negócio e tecnologia), determinantes para a definição do modelo de negócio que não tem de passar obrigatoriamente pela criação de uma nova empresa. Por outro lado, questões relacionadas com propriedade intelectual, designadamente a não identificação atempada de requisitos de protecção bem como a não definição inicial dos seus detentores, têm causado a falência de projectos de negócio.

A pré-incubação não tem exigências físicas específicas podendo, mesmo, funcionar em modo virtual. Aliás, a pré-incubação beneficia bastante se for implementada em estreita ligação com as unidades de ensino e de investigação, partilhando de recursos e desenvolvendo actividades conjuntas. Desta forma, a pré-incubação promove a criação de um ambiente para o desenvolvimento de atitudes e competências inerentes ao empreendedorismo encarado como processo de criar novos negócios ou operar mudanças em organizações incumbentes, abrangendo toda a população académica, docentes e estudantes.

*José Pinto Paixão,
Professor Catedrático Jubilado
Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa*



//Caro INTERIOR, juntos, VALORIZAmos mais...



Escrever sobre a valorização e a aplicação do conhecimento científico parece ser, nos dias que correm, um lugar comum, não só porque têm sido muitos aqueles que se têm debruçado sobre estas temáticas, mas também porque as últimas décadas nos têm mostrado que a ciência, a inovação e, acima de tudo, a transferência de tecnologia e de conhecimento constituem elementos determinantes na competitividade dos territórios e na sua dinamização, contribuindo de forma efetiva para a coesão territorial. Ainda assim, e pese embora, na academia, sejam poucos aqueles que não acreditam que é na valorização dos territórios e na capacidade de criação de conhecimento que temos de sustentar o futuro, a promoção territorial, e a criação de valor, a verdade é que o caminho que temos que percorrer para atingir este objetivo (quando temos como objeto de estudo "áreas de baixa densidade"), além de longo, nem sempre é evidente para aqueles que têm o poder e a capacidade de o decidir.

Sabemos que a falta de planeamento e a inoperância, têm sido, não raras vezes, justificações para aquilo a que chamo "a fatalidade do planeamento de rabo na boca" (em jeito de homenagem às pescadinhas), comum em territórios de interior, de baixa densidade, votados ao abandono e à descrença, onde quem lá/cá vive já se conformou com a ideia de que "não se faz, porque não há... e não há, porque não se faz...". Mas, a realidade, não tem, nem deve ser assim tão dura, pois se perguntarmos a qualquer agente com intervenção ou atuação nestes territórios, seja a nível público ou privado, académico ou empresarial, individual ou coletivo, todos veem neles um potencial imenso que urge explorar e que importa valorizar, sob pena de perdermos uma oportunidade que tende a desvanecer no tempo, ao longo do qual o diferencial entre o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial é cada vez maior!

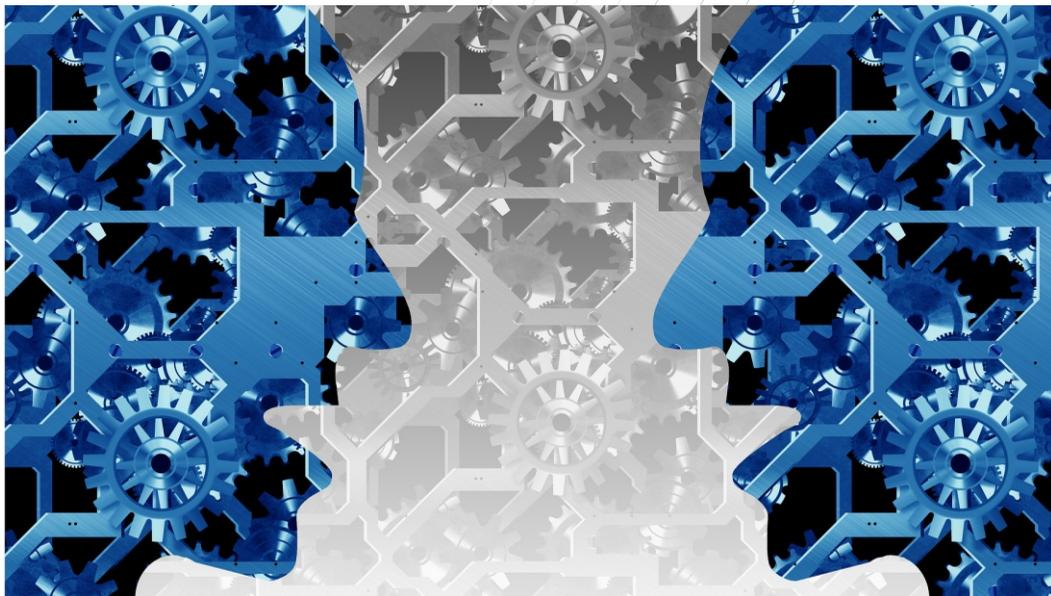
É neste cenário que a academia adquire um papel ainda mais relevante, podendo e devendo, para enfrentar os atuais desafios, desenvolver estratégias que, favorecendo a competitividade (para aguçar o engenho e atrair talento), sejam colaborativas e cooperativas (para potenciar sinergias, ganhar escala, massa crítica, e alavancar a mudança). As parcerias que muito recentemente temos (Politécnico de Portalegre) estabelecido|fortalecido com a Universidade de Évora, seja ao nível da investigação, seja ao nível do ensino e formação, são o exemplo claro do caminho que devemos trilhar, dos objetivos que temos que seguir, e dos desafios que devemos abraçar. Sou um fã confesso a cooptação em prol do território e

da região, uma abordagem híbrida entre a cooperação e a competição, onde, tal como enunciado anteriormente, o espírito competitivo não inviabiliza a criação e o desenvolvimento de alianças simbióticas, com ganhos evidentes para ambas as partes. E quando assim é, ganhamos todos. Ganha a academia, ganham as empresas, ganha a região!!

Importa, neste âmbito, continuar a promover e desenvolver, de forma integrada, investigação (preferencialmente aplicada e de natureza experimental) e transferência de conhecimento ao nível da valorização da região e dos seus recursos endógenos, assumindo os territórios desfavorecidos, de baixa densidade e de características marcadamente rurais, como um campo de pesquisa com características específicas, enquadráveis na missão institucional, favorecendo, sempre que possível, ligações privilegiadas com o tecido socioeconómico da região, mediante uma abordagem próxima e envolvente das entidades ligadas aos setores público e privado, consubstanciando uma forte rede de parcerias.

Porque acreditamos que juntos valorizamos mais... aqui estaremos com os nossos parceiros de sempre, e com todos aqueles que se queiram juntar a nós em prol do desenvolvimento deste território que, embora nem sempre seja lembrado, se encontra estrategicamente compreendido entre três áreas metropolitanas (Lisboa, Madrid e Sevilha), um fator distintivo que lhe confere uma centralidade ímpar que importa explorar e valorizar...

*Luís Loures,
Vice-Presidente do Instituto
Politécnico de Portalegre*



//EM QUE PODE O GAITEC AJUDAR-ME?



Se está fora da Universidade de Évora, o GAITEC pode ajudar quando:

- >>Necessita estabelecer uma relação de parceira entre uma entidade e a Universidade de Évora;
- >>Tem uma empresa e pretende recrutar colaboradores ou estagiários;
- >>Tem uma empresa e quer recrutar estudantes da Universidade de Évora;
- >>Pretende fazer uma ligação com os investigadores e tomar conhecimento das inovações feitas.



Se é investigador ou docente da Universidade de Évora, o GAITEC pode ajudar quando:

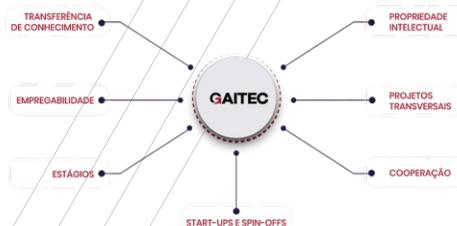
- >>Tem alguma invenção;
- >>Quer proteger ou valorizar a sua propriedade intelectual;
- >>Quer esclarecer dúvidas sobre patentes;
- >>Quer participar num programa de inovação;
- >>Pretende avaliar se é possível ver negócio onde apenas vê ciência;
- >>Quer criar uma empresa com base em tecnologia desenvolvida na Universidade;
- >>Conhece uma empresa que ofereça desafios aos investigadores da Universidade ou interessada em receber conhecimento produzido na Universidade.



Se és estudante da Universidade de Évora, o GAITEC pode ajudar quando:

- >>Tens dúvidas sobre processos de recrutamento, estágios ou preparação da carreira profissional;
- >>Queres desenvolver as tuas *soft skills*;
- >>Pretendes realizar um estágio extracurricular ou de verão;
- >>Queres candidatar-te a uma bolsa de estágio profissional;
- >>Queres encontrar o teu 1º emprego.

ÁREAS DE ATUAÇÃO



EM AGENDA



Empregabilidade



Empreendedorismo



Inovação

// EMPREGABILIDADE

Virtual Recruitment Day

Recrutamento Express

Webinário Aconselhamento de Carreiras

Webinário Mercado de Trabalho

Webinário Soft Skills

Feira da Empregabilidade e Inovação

Alumni Sunset Talks

Inside Business

// EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO

Dia da Inovação

ITEC - Embaixadores Juniores

Dia do GAITEC

Semana do Empreendedorismo

Workshop Empreendedorismo e Inovação

Webinar Marcas, Patentes e Logotipos

Formações Master

Workshop Design Thinking

Serei Empreendedor?



GABINETE DE APOIO À INOVAÇÃO, TRANSFERÊNCIA,
EMPREENDEDORISMO E COOPERAÇÃO
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

GAITEC EM MOVIMENTO!
WWW.UEVORA.PT/INOVAR



GABINETE DE APOIO À INOVAÇÃO, TRANSFERÊNCIA,
EMPREENDEDORISMO E COOPERAÇÃO
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Contactos

Casa Cordovil

R. Dom Augusto Eduardo Nunes 7 | 7000-651 | Évora

gaitec@reitoria.uevora.pt

<https://www.uevora.pt/innovar>

Procure o GAITEC nas redes sociais



Ficha Técnica

Título | TREZE

Coordenação | Reitoria da Universidade de Évora - GAITEC

Edição | Paulo Infante

Design e fotografia | Divisão de Comunicação

ISSN 2184-8467